

LOZINHA E SUAS INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA, CLASSE E PROSTITUIÇÃOSAMIO CASSIO DA SILVA RAMOS¹ALBIONE SOUZA SILVA²PAULO ROBERTO NOGUEIRA SILVA³**RESUMO**

Este artigo busca compreender como Lozinha, ou tia Ló se destacou como a dona da casa de prostituição mais famosa no município de Ipiaú-BA e região no século XX. Para tanto, os objetivos específicos são: discutir os conceitos de marcadores interseccionais, gênero, raça, classe, bem como a documentação da história de uma mulher que foi atravessada pelo racismo e pelo sexismo. É uma pesquisa social-qualitativa, fundamentada na microhistória da sexualidade no município de Ipiaú e na metodologia da História Oral (H. O.), relatos orais, com entrevistas de colaboradores contemporâneos da pesquisa. O recorte temporal da pesquisa se situa entre as décadas de 1960 e 1980. Neste sentido, recorreremos aos relatos orais de munícipes contemporâneos de Lozinha. Esse trabalho justifica-se porque se propõe reconstituir pelas memórias das pessoas da comunidade a trajetória de luta de uma mulher que enfrentou os ditames da sociedade elitista e branca do município de Ipiaú e região. Questionamos o porquê do apagamento do nome de batismo de Lozinha. Seria resultado do sexismo, machismo e da misoginia que predominavam na época? Pontuando que a

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia – Unidade Acadêmica de Educação a Distância – Universidade Aberta do Brasil (UNEB/UNEAD/UAB) polo de Ipiaú-BA. E-mail: samioipiau@hotmail.com. Orcid id: 0009-0008-9933-7485.

² Mestre em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas. Professor do Complexo Integrado de Educação em Ipiaú. E-mail: professoralbione@yahoo.com.br. Orcid id: 0009-0003-2762-5799.

³ Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC/UESB. Pesquisador do GEPER/CNPq. pnogueirasilva@yahoo.com.br. Orcid id: 0000-0002-1084-5774.



região era exponencialmente rica, dirigida por uma minoria patriarcal, rural, branca, cacauicultora, capitalista do século XX. Por outro lado, no município de Ipiaú haviam muitas pessoas pobres vivendo à margem da sociedade. Nesse contexto, aparece Lozinha, mulher preta e de origem pobre, doméstica, garota de programa e dona de bordel que através do seu corpo e de corpos de outras mulheres criou formas de resistência.

Palavras chave: Gênero, Classe, Raça, Prostituição.

INTRODUÇÃO

A prostituição é considerada uma das profissões mais antigas do mundo. Dessa maneira, as mulheres negras/pardas e indígenas foram marcadas e escolhidas para cumprir as mais diversas atividades: amas de leite, serviços domésticos, trabalhos na lavoura, vendedoras ambulantes, e seus corpos eram prostituídos em benesses do patriarcado rural.

Para Freyre (2003) “as mulheres negras eram usadas como escudo para proteger a virtude e pureza das mulheres brancas, os corpos das negras eram usados para a prostituição”. O autor cita ainda que “dessa forma, as senhoras e donzelas estavam seguras dos desejos libidinosos dos homens brancos, sendo que historicamente os corpos negros são atravessados por vários marcadores interseccionais”. Kilomba (2019) pontua que “o sujeito negro torna-se simbolicamente hipersexualizado sem controle do seu apetite sexual, a meretriz, o cafetão, o estuprador, a devassa/o e a esquisita/o”.

Historicamente mulheres pretas/pardas e trabalhadoras são vítimas de todas as formas de violências, advindas do racismo, sexismo e do machismo, violências que se cruzam e são direcionadas às mulheres pretas. Neste sentido, nos levantamentos dos dados constatamos que Lozinha foi vítima do sexismo e do racismo predominantes da época em Ipiaú-BA.

Neste viés, reconstituir sua história, torna-se relevante por se tratar de uma mulher negra, atravessada por marcadores interseccionais que criou



formas de resistência e sobrevivência para continuar existindo em uma sociedade racista, sexista e machista a qual persiste em negar a humanidade de mulheres negras, pardas e indígenas, mulheres que ao longo da nossa história são vilipendiadas e exploradas sexualmente sendo que elas são as principais vítimas das violências interseccionais. Crenshaw (2002) relata que:

[...] a Interseccionalidade trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Lélia Gonzales, no seu ensaio “o racismo e o sexismo na sociedade brasileira” denuncia as violências que operam juntas, demarcando qual o “lugar” da mulher negra na sociedade brasileira, exemplo, na cozinha e na escola de samba, reforçando os estereótipos da doméstica e a hipersexualização do corpo da mulher negra, do mesmo modo, ela desconstrói o mito da democracia racial, o qual mascara o racismo e o sexismo no Brasil. Gonzalez (1980, p. 228) pontua que “o racismo é um sintoma neurótico que reverbera em violências contra as pessoas pretas, em específico as mulheres negras”. A autora cita ainda que:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos “mulata” e “doméstica” são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (GONZALES, 1980, p. 228).

Concordando com Gonzalez em relação a violência simbólica que a mulher negra sofre no Brasil, sobretudo, aquelas menos favorecidas, oriundas de famílias de perfil sócio econômico baixo.

LOZINHA: MULHER NEGRA E SEUS MARCADORES INTERSECCIONAIS

Diante dos levantamentos dos dados, identificamos que Lozinha nasceu em Jitaúna-BA, entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, vindo a falecer supostamente entre 1983 e 1985. Quando jovem ela foi trabalhadora doméstica na casa da família Pinto em Ipiaú, era muito querida pela senhora Sinhazinha e pelo Senhor Alberto Pinto, era católica fervorosa, sendo que ela e a sua patroa rezaram muitas vezes juntas.

Ao se desligar desse trabalho ingressou na prostituição. Porém, visitava a casa da senhora citada às escondidas para pedir a benção. Ela e sua irmã, chamada Filhinha, foram garotas de programa no antigo Dez Quartos em zona de prostituição mais conhecida da cidade de Ipiaú. Contudo, com pouco tempo elas deixaram suas atividades de profissionais do sexo, montaram suas próprias casas no local.

Houve um fenômeno natural no município que afetou parte da comunidade local, a enchente de 1964, que deixou muitos desabrigados sem moradia própria, e afetando o comércio de Lozinha, desse modo, ela foi a primeira sair da antiga localidade, abrindo sua nova casa na Rua Jaime Tanajura, e algum tempo depois sua irmã Filinha mudou para a mesma rua. Ela mudou seu estabelecimento comercial para a Rua Jaime Tanajura logo após a famosa enchente de 1964. Souza (2007) enfatiza que:

A enchente de 1964 que, segundo um ofício enviado pelo prefeito municipal de Ipiaú Dr. Euclides Neto ao presidente da Comissão de Ajuda aos Flagelados pelas enchentes do interior da Bahia aconteceu em meados de janeiro, durou seis dias, de 20 a 26 e foi a enchente mais forte e mais destruidora, até a presente data. O ofício salienta ainda que as águas do Rio das Contas atingiram a altura de 6,36 cm, com uma fúria incontida e invadiram as ruas da cidade ilhando-as. Dentre as ruas citadas pelo prefeito estava a Rua dos Dez Quartos (SOUZA, 2007, p. 4).

Lozinha era uma mulher preta/parda que enfrentou o racismo estrutural local, porém, mascarado pela falaciosa democracia racial, que estava em



voga entre as décadas de 30 a 80 do século passado. Ademais, teve que enfrentar o sexismo e a pobreza, combinações violentas que são dirigidas às mulheres pretas/pardas e indígenas e os ciúmes de muitas mulheres. Questiona-se, Lozinha foi vilã ou vítima desse processo histórico? Carneiro (2011) relata que:

[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima (CARNEIRO, 2011, p. 127).

Lozinha viveu em uma união instável com um companheiro de prenome Erotildes. Sua irmã Filinha, também dona de casa de mulheres, após certo tempo comprou seu imóvel localizado na Rua Jaime Tanajura, pontuando, que Lozinha registrou em cartório em seu nome. Neste sentido, questionamos se Lozinha teve a intenção de deixar a sua casa de trabalho e a sua casa de moradia para suas irmãs pelo fato de não ter tido filhos para deixar a sua herança? Para reconstituirmos a história e a trajetória dessa mulher, recorreremos aos seus familiares, aos cartórios judiciais e extrajudiciais da Comarca e a delegacia de polícia de Ipiaú, mas infelizmente não chegamos aos seus dados pessoais, caracterizando um flagrante ação de apagamento de identidade *post-mortem*. Ademais, constatamos também que as informações obtidas na pesquisa foram coletadas com considerável dificuldade e resistência por parte de alguns colaboradores.

Contudo, mesmo nos dias contemporâneos Lozinha continua sendo um nome bastante conhecido em Ipiaú. Não podemos precisar um único porquê do apagamento do nome pessoal e os demais dados pessoais dela. Neste sentido, o seu nome próprio não faria diferença alguma, pois as memórias circulam com muita vivacidade até os nossos dias, sendo que, não à toa, as pessoas denominarem a rua Jaime Tanajura de Rua - logradouro onde situava o prédio do seu empreendimento- ser denominada “Rua de Lozinha”.

Lozinha ou tia Ló, era dona do mais famoso “cabaré” de Ipiaú-BA e região, entre as décadas 1960 a 1980. Ipiaú, uma das cidades do atual



Território de Identidade Médio Rio das Contas, localizada na região sul da Bahia, viveu um crescimento econômico. Rocha (2005, p. 5) enfatiza que notável quando “durante o período de 1930 a 1980, quando a lavoura cacaueteira alcançou o seu apogeu, tanto na produção como nos preços”. Nesse contexto, havia muitas casas de prostitutas na cidade, mas, a mais procurada era a casa de Lozinha ou Tia Ló. Estima-se que ela tenha falecido nos primeiros anos de 1980 em Ipiaú-BA. Souza (2007) ainda enfatiza que

A casa de seu Olavo Barreto, Dona Helena, Zélia, Pimenta, Loro, Nice, Lorentino, Belinha, Teté, Reis, Preta, Milinha Pimenta, Bem-te-vi, Filinha (irmã de Lozinha) entre outros, permitiam que qualquer tipo de mulher a frequentasse, desde que, pagasse o quarto ao término da noite, no final da semana ou do mês. É importante dizer que essas casas de mulheres não foram abertas na mesma época. Algumas delas não chegaram nem a conhecer a casa de seu Olavo e de Lozinha (SOUZA, 2007, p. 3).

Na casa de Lozinha havia uma exigência exponencial pelos corpos desejáveis. Neste sentido, mulheres de corpos não desejáveis eram preteridas na casa dela (corpos obesos, magros, deficientes e trans) não tinham lugar nesse espaço de prostituição para esse tipo de trabalho, mas, alguns relatos afirmam que Lozinha era uma mulher caridosa e religiosa, era uma pessoa católica.

Muitas pessoas afirmam que ela era bondosa com os filhos das prostitutas, porém, como já foi abordado em sua casa, só trabalhavam “belas mulheres”, vindas de várias cidades e Estados, exemplo, Jequié, Vitória da Conquista, Salvador, Pernambuco e Goiás. Era uma verdadeira seleção de mulheres padrões ao gosto dos frequentadores do estabelecimento, não importando questões raciais.

A casa de Lozinha era um espaço social frequentado por homens da elite local, por esse motivo vinham mulheres de várias localidades do Brasil, com objetivo de atender as demandas sexuais do patriarcado cacauicultor local, pontuando, que os homens proibiam suas filhas e esposas de passarem na Rua Jaime Tanajura, diziam que mulheres direitas não podiam passar naquela localidade de pecado, contudo, eles eram frequentadores assíduos



da casa de Tia Lô.

Muitas moças iam trabalhar com seus corpos, por necessidade econômicas, pontuando, que quando uma jovem, tinha relações íntimas por vontade própria ou mesmo abusadas por algum rapaz, passavam a ter dificuldades para se casar, muitas delas eram expulsas de suas casas pelas próprias famílias, passando a recorrer à prostituição como trabalho. Os comportamentos do sexismo e do machismo eram algo comum naquela época, violências que atravessaram muitas moças naquele tempo, muitas foram agredidas, exploradas e espoliadas sexualmente, seus corpos absorviam todas as formas de violências advindas do sexismo ocorridos naqueles tempos.

LOZINHA UMA GRANDE EMPREENDEDORA: MEMÓRIAS AFETIVAS DE SEUS CONTEMPORÂNEOS

Pontuando que Lozinha ajudou muitas mães solo, arrimo de famílias e mulheres desempregadas, gerando muita renda para o comércio local, comprando alimentos, bebidas, cigarros, pagando cachês para policiais militares para fazer a segurança de sua casa, com o intuito de oferecer maior segurança para os ilustres clientes. Ademais, pagava pessoas para fazer alguns serviços domésticos em sua casa, além de lavar roupas e carregar água quando faltava. Assim sendo, infere-se que Lozinha foi uma grande empreendedora de "mão cheia", matou a fome de muitas pessoas oferecendo serviços e fazendo doações para as crianças principalmente filhos/as de prostitutas. A colaboradora de pseudônimo Chica pontua que:

Quando faltava água aí, eu carregava água do Rio de Contas, com o filho de uma mulher por nome Anita, qual foi embora, a gente carregava cinquenta latas de água cada um de nós para encher o tanque, até hoje tem esse tanque aí, eu lavava roupa de ganho para sustentar meus sete filhos. Lozinha era uma excelente pagadora. De igual maneira, ela tinha muito cuidado com o sustento das moças que trabalhavam em sua casa. Ela quase não deixava as moças saírem, ela tinha muito cuidado com elas, naquela época tinha respeito, elas



viviam dentro de casa quase não saiam por aí, ela não deixava (**Fonte:** Transcrição de áudio, 2023).

A casa de Lozinha era frequentada por homens de todas as classes sociais. Contudo, os clientes preferidos eram os fazendeiros. Funcionou por 20 anos na Rua Jaime Tanajura, dessa maneira, no ápice das riquezas geradas pelos pés de cacau, a casa era o reduto de homens burgueses, fazendeiros e políticos. O colaborador Radialista destaca que:

A senhora Lozinha era uma pessoa formidável, muito carismática, minha mãe a conheceu na feira livre. Teve ótima impressão da pessoa dela, a casa dela não era só casa de prostituição, era um espaço de acolhimento entre pessoas amigas, obvio que também tinha a parte da prostituição. Eu era adolescente estive lá várias vezes, ela era minha amiga não a tinha como uma prostituta, ela era muito educada de fino trato com as pessoas. Na casa dela andavam políticos como, deputados, prefeitos, vereadores e os coronéis do cacau, Hildebrando Nunes Rezende que foi prefeito do município, por duas oportunidades gostava muito de Lozinha andava muito por lá, Protógenes Jaqueira, Odilon Costa, Jaime Bezerra, Humberto Ramos andava por lá etc., as mulheres a detestava e as meninas também. A Lozinha era muito afetiva e muito simpática. Lá fizeram vários shows a formosa Banda Joedson, e os músicos Humberto Cabeleira, Gafieira etc. Lozinha não só vivia enclausurada lá naquela casa, ela participava da festa de São Roque, ia pra Lapa, ela era uma pessoa caridosa (**Fonte:** Transcrição de áudio, 2023).

O lugar não era exclusivamente de prostituição ocorreram muitas apresentações de bandas musicas e cantores locais. Para além, de encontros amorosos, a casa de Tia Ló era um ponto de encontro de amigos, muitos jovens deram início às suas vidas sexuais em sua casa, todavia, ela tinha uma ética no seu trabalho, pois se preocupava com os mais jovens, que procuravam por serviços sexuais. As grandes festas de Ipiaú como a exposição agropecuária, São Roque e as famosas micaretas da cidade, atraem visitantes de várias cidades do Estado da Bahia e do Brasil, desse modo, as demandas por mulheres jovens e bonitas era grande na cidade, havia muitas casas de mulheres no município, mas nenhuma delas era comparada a casa de Lozinha.

A mais famosa cafetina de Ipiaú era uma mulher que despertava a admiração das mais jovens garotas que ingressavam na prostituição. Com



acentuada coragem em enfrentar todos os preconceitos e a falsa moral vigente naquela época de evidente hegemonia do patriarcado cacauero, Tia Ló não ficou presa às amarras da sociedade, ao contrapelo da visão reacionária da época, ela foi uma referência de mulher libertária. A colaboradora de pseudônimo admiradora pontua que:

“Revivi a figura de tia Ló, cujo nome era proibido porque materializa o descalabro moral. E naquela época em que a sexualidade era apenas para as “devassas”, tia Ló era “uma “personagem” que me inspirava muita curiosidade” (Fonte: Transcrição de áudio, 2023).

O prefeito Euclides Neto solicitou da mais formosa cafetina da história do município de Ipiaú que ela disponibilizasse belas moças para o seu famoso cabaré, a fim de atrair homens de negócio como os famosos fazendeiros de cacau e os grandes criadores de gado. Tia Ló foi uma mulher que através de seu corpo e de outros corpos conseguiu a mobilidade social, rompendo com a pobreza, cumprindo com seus compromissos, pagando seus fornecedores, empreendendo e sobretudo, criando formas de resistência. Quando ela faleceu deixou duas casas enormes para seus familiares no centro de Ipiaú, uma onde funcionava o seu comércio, a outra era de sua moradia. O mais lamentável é que o seu corpo não pode ser velado na igreja de São Roque (Padroeiro de Ipiaú), era o seu sonho. Contudo, o padre da época sumariamente proibiu.

Questionamos se Lozinha na sua época tivesse acesso a uma boa escolaridade, um trabalho com melhores condições, será que ela poderia ter tido uma história diferente? Ela foi rotulada, estereotipada, explorada e espoliada por homens e, do mesmo modo, segregada do seio social e da família, mesmo ela sendo católica fervorosa, nem seu corpo pode ser velado na matriz da igreja de São Roque naquela época. Ela foi uma mulher preterida pela sociedade daquele tempo. Neste viés, surge o questionamento: O lugar de prostituta não é na igreja? Como o presente é reflexo do passado, o questionamento que fica é se as igrejas continuam discriminando as prostitutas, os homens gays, mulheres trans, homens trans, dentre outros? ou



acolhem as minorias? ou discrimina os historicamente discriminados/as?.

O BRASIL: A CULTURA DO ESTUPRO SEXUAL E A COISIFICAÇÃO DA MULHER PRETA

A cultura do estupro é uma realidade na nação brasileira. São resultadas de uma sociedade que foi estruturada no patriarcado branco capitalista. Não é à toa que mulheres indígenas e negras são violentadas há séculos no Brasil, tendo os seus corpos vilipendiados, explorados e usados como coisas descartáveis. Dessa maneira, as violências de cunho sexual são violências persistentes no país, onde qualquer pessoa pode ser vítima dessa covardia. Destacamos que as principais vítimas são as mulheres em suas multiplicidades de identidades, como as cis gêneros, trans, travestis, idosas, crianças e adolescentes. A prostituição é um trabalho brutal e difícil de ser exercido, não há romantização nesse processo tão difícil, as pessoas eram e são vilipendiadas de todas as formas, seus copos são violados, dificilmente uma mulher ou homem tem prazer nessa forma de trabalho.

Essas pessoas não têm escolha, está na lida como profissional do sexo tem que se relacionar com pessoas de todos os tipos. Neste viés, é preciso viabilizar políticas públicas de acesso à saúde, direitos trabalhistas e proteção policial, só desse jeito, essas pessoas terão o mínimo de amparo por parte do Estado brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para reconstituirmos a história de Lozinha (Tia Ló) procuramos entender os conceitos de racismo, sexismo e marcadores interseccionais como gênero, raça e sexualidade, e qual a trajetória que Lozinha percorreu como uma mulher negra, pobre criou formas de resistência, enfrentando os ditames da sociedade branca, patriarcal, misógina e sexista. Neste sentido, conseguiu uma certa mobilidade social, para se manter viva.



Por fim, reconstituir sua história e sua trajetória torna-se relevante por se tratar de uma mulher negra para não cair no esquecimento, por se tratar de uma mulher que exerceu atividades na prostituição, que a todo o tempo sofria tentativas de segregação por parte da sociedade matriarcal, branca e elitista do município de Ipiaú, no Estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil** / Sueli Carneiro- São Paulo: Selo negro, 2011.

CRENSHAW, Kimberl. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** 2002. <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2023

FREYRE, Gilberto. (1900-1987) **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 481 ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1980, p. 223-244.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**/Grada KILOMBA; tradução Jess Oliveira, 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 248 p.

SOUZA, Cristiane. **Histórico da Zona de Prostituição em Ipiaú: os Dez Quartos.** Monografia do Curso de História. Faculdade Santo Agostinho – FACSA, Ipiaú, 2007.

RELATOS ORAIS

(Entrevista acerca de Lozinha e seus marcadores de gênero, raça e classe, entrevistador Samio Cassio da Silva Ramos. 20/07/2023 1 Arquivo. mp3 (12min e 57 segundos). Entrevistada colaboradora admiradora.

(Entrevista acerca de Lozinha e seus marcadores de gênero, raça e classe, entrevistador Samio Cassio da Silva Ramos. 17/07/2023 1 Arquivo. mp3 (17 min e 23 segundos). Entrevistada colaboradora Chica.

(Entrevista acerca de Lozinha e seus marcadores de gênero, raça e classe, entrevistador Samio Cassio da Silva Ramos. 20/07/2023 1 Arquivo. mp3 (12 min e 57 segundos). Entrevistado colaborador radialista.